

ORGULHO

Entre todas as personagens da Bíblia que nos causam repúdio, talvez nenhuma seja pior do que o fariseu santarrão que orou: **“Ó Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este publicano” (Lc 18.11)**. A ironia, porém, está no fato de que, enquanto o condenamos, agimos da mesma forma moralista sem nem pensar.

Neste capítulo, vamos estudar o pecado do orgulho — não o orgulho em geral, porém algumas de suas manifestações que são especialmente tentadoras aos cristãos. Examinaremos o orgulho do moralismo, o orgulho da doutrina correta, o orgulho das realizações e o orgulho do espírito independente. Ao analisar esses pecados sutis, oro para que eu mesmo não caia no orgulho do espírito crítico. Assim, gostaria de deixar claro logo de início que não estou livre do orgulho, especialmente do tipo que se esconde atrás da função de pastor. Um dos problemas com o orgulho é que o enxergamos nas outras pessoas, mas não em nós mesmos. Estou bastante ciente da pergunta de Paulo: **“Tu, pois, que ensinas os outros, não ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?” (Rm 2.21)**. Portanto, peço que você ore comigo para que Deus revele a cada um de nós o orgulho que ele enxerga em nossas vidas. Tiago e Pedro enfatizam a importância do assunto com este aviso: “Deus se opõe aos arrogantes” (Tg 4.6; IPe 5.5).

Moralismo

Na parábola de Jesus, o pecado do fariseu foi o que chamaríamos de moralismo. Esse pecado se expressa no sentimento de superioridade moral em relação a terceiros. Esse tipo de orgulho não se limita aos cristãos. Manifesta-se no reino político e cultural, entre liberais e conservadores. Quem acredita, por exemplo, que é campeão dos altos padrões morais na área política, econômica ou ecológica muito provavelmente se orgulha em ser o dono da verdade.

Infelizmente essa atitude é bastante comum entre os evangélicos conservadores.

O pecado da superioridade moral é uma armadilha na qual caímos com facilidade, pois a sociedade como um todo comete ou aceita abertamente pecados como imoralidade, divórcio, homossexualismo, aborto, embriaguez, drogas, avarezas e outras indecências flagrantes e escandalosas. Por não cometermos esses pecados, nós nos achamos moralmente superiores e olhamos com certo desdém ou desrespeito aqueles que os cometem. Claro que os pecados que mencionei são coisas graves que destroem os alicerces morais da sociedade em que vivemos. São pecados sérios de verdade, e respeito os líderes cristãos de nossos dias que levantam vozes proféticas contra eles.

Contudo, o pecado que nos emaranha é o do moralismo, e do espírito crítico que ele provoca em relação às pessoas que cometem esses pecados.

De fato, Jesus contou a parábola do fariseu “a alguns que confiavam em si mesmos, achando-se justos, e desprezavam os outros” (Lc 18.9).

Aventuro-me a dizer que, entre todos os pecados sutis que analisamos neste estudo, o orgulho da superioridade moral talvez seja o mais comum, ficando atrás somente do pecado da impiedade. Embora seja tão predominante entre nós, é difícil ser reconhecido porque nenhum de nós escapa dele totalmente. Na verdade, parece que sentimos uma alegria perversa em acusar a sociedade de ter perdido a vergonha.

Quando adotamos esse tipo de mentalidade ou fazemos esse tipo de comentário, escorregamos no pecado da superioridade moral.

Como, então, nos guardaremos desse pecado? Primeiro, adotando uma atitude humilde baseada na verdade de que “é só pela graça de Deus que não estou na mesma situação.” Embora essa afirmação tenha virado lugar-comum, aplica-se a todos nós. Se somos moralmente corretos, e especialmente se somos cristãos que buscam viver de maneira correta, é só porque a graça de Deus prevalece em nós. Ninguém é naturalmente correto. Pelo contrário, todos nós temos de confessar como Davi: “Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe” (Sl 51.5). Em vez de nos sentirmos moralmente superiores àqueles que praticam os pecados escabrosos que condenamos, devemos sentir profunda gratidão a Deus porque Sua graça nos manteve distantes, ou nos resgatou, do mesmo estilo de vida.

Outra maneira de nos guardarmos contra o orgulho moral é nos identificando perante Deus com a sociedade pecadora em que vivemos. Após o cativeiro na Babilônia, quando muitos judeus retornaram a Judá, Esdras, o habilidoso escriba da Lei de Moisés, voltou a ensiná-la ao povo de Deus.

A Bíblia afirma que Esdras “tinha-se disposto no coração a estudar a Lei do Senhor e a praticá-la, e a ensinar em Israel os seus estatutos e normas” (Ed 7.10).

É óbvio que Esdras foi um homem virtuoso que viveu de modo exemplar. Mesmo assim, nas ocasiões em que observou algum pecado extremo entre o povo, ele se identificou com o erro, mesmo que não tivesse culpa alguma. Leia sua oração em Esdras 9.6: “Ó meu Deus! Estou por demais confuso e envergonhado para levantar o meu rosto a ti, meu Deus, porque os nossos pecados cobrem a nossa cabeça e a nossa culpa sobe até o céu.” Veja como ele se inclui na confissão de culpa: “nossos pecados” e “nossa culpa”. Ao testemunharmos a degradação moral crescente da sociedade, vamos adotar a atitude de Esdras, e ela nos protegerá do orgulho da autor retidão.

Orgulho da doutrina

O orgulho moral é bastante parecido com o orgulho doutrinário — a presunção de que

minhas crenças doutrinárias, sejam quais forem, estão corretas, e de que quem não pensa igual a mim é teologicamente inferior. Nós que nos preocupamos com a doutrina somos passíveis dessa forma de orgulho. Não importa se somos arminianos ou calvinistas, se adotamos a teologia a ou b e olhamos com altivez para quem não crê da mesma forma. Para completar o leque desse tipo de orgulho, há pessoas que menosprezam a doutrina e desdenham de quem lhes dá valor. Isso é orgulhar-se de um sistema de crença em particular, seja ele qual for, e isso também mostra que achamos que nossas crenças nos tornam espiritualmente superiores a quem crê de outro modo. Em 1 Coríntios 8, Paulo trata dessa forma de orgulho em relação aos alimentos oferecidos aos ídolos. Alguns cristãos de Corinto achavam que comer ou não comer esses alimentos fazia parte da liberdade cristã. Paulo não discordou da conclusão deles, todavia os repreendeu por causa do orgulho doutrinário resultante do que criam. Paulo lhes escreveu: “Quanto à carne sacrificada aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento dá ocasião à arrogância, mas o amor edifica (1 Co 8.1). Paulo concorda com o “conhecimento” dessas pessoas — isto é, a crença doutrinária delas sobre comer alimentos oferecidos aos ídolos — porém as acusa de orgulho doutrinário. O “conhecimento” havia deixado esse pessoal arrogante.

Se o calvinismo, ou o arminianismo, ou a opinião sobre o fim dos tempos, ou o desdém por todas as outras crenças bíblicas levam você a considerar-se superior a quem pensa de modo diferente, então você é culpado de orgulho doutrinário. Com isso, não sugiro que não devemos conhecer as verdades bíblicas e desenvolver convicções doutrinárias sobre o que a Bíblia ensina. Estou dizendo que deveríamos defender nossas convicções com humildade, entendendo que muitas pessoas virtuosas e capazes na área teológica têm convicções diferentes das nossas.

Certo escritor recebeu o pedido que fizesse um comentário sobre um livro que ensinava uma doutrina de santificação com a qual ele discordava totalmente.

Em sua carta, escreveu o seguinte: “Por favor, observem que estou me referindo a ‘coisas sobre as quais ‘discordo’, e não’ coisas sobre as quais ele [o autor] está errado.” Quando chegar ao céu, posso descobrir que eu era o errado.

O comentário que ele fez sobre o livro significa que suas convicções eram mais fracas do que antes? De jeito nenhum — se houve mudança, foi que ficou ainda mais convicto de suas crenças. Significa que ele quer defender suas convicções com humildade e tratar o autor do livro com o mesmo respeito que dispensaria àqueles que pensam da mesma forma que eu quanto à doutrina da santificação.

Um dos objetivos deste captemaítulo é enfatizar o perigo do orgulho doutrinário e encorajar vocês a considerar em oração se esse não é o caso de um de seus pecados “aceitáveis”. Se achar que pode ser, sugiro que memorize o versículo sobre a “arrogância do conhecimento” (1 Co 8.1), e ore sobre o assunto.

Depois, procure identificar com precisão as áreas em que você é inclinado a ser orgulhoso doutrinariamente, e peça que Deus o capacite a defender suas convicções com um espírito genuíno de humildade.

Orgulho das realizações

Segundo a Bíblia, geralmente existe um relacionamento de causa e efeito entre trabalho eficiente e sucesso num empreendimento, seja ele acadêmico, esportivo, profissional ou financeiro. Por exemplo, Provérbios 13.4 afirma: “O preguiçoso deseja e não consegue nada, mas o desejo do diligente será satisfeito.” Paulo exortou Timóteo em seu ministério: “Procura apresentar-te aprovado diante de Deus” (2Tm 2.15). E Paulo se esforçou ao máximo em seu trabalho para Deus (1 Co 9.26,27; Fp 3.12-14).

No entanto, a Bíblia também afirma que o sucesso em qualquer empreendimento está sob o controle soberano de Deus (1 Sm 2.7; Sl 75.6,7; Ag 1.5,6). Como o texto de ISamuel ensina, “O Senhor faz empobrecer e enriquecer; abate e também exalta.” Dois alunos estudam a mesma matéria e entregam-se com diligência aos livros e cadernos, mas um se sobressai e consegue as notas mais altas, enquanto o outro passa de ano raspando. Por que a diferença? Talvez Deus tenha dado mais capacidade intelectual ao primeiro e, além disso, uma família que desafiava e estimulava o crescimento intelectual. Seja qual for a causa, em última instância, a capacidade de realização ou de sucesso em qualquer empreendimento vem de Deus.

No tema anterior examinamos Deuteronômio 8.17,18 em relação à gratidão. Mas a razão para agradecermos o sucesso alcançado é porque foi Deus quem nos deu força para ser bem-sucedido. Não existe essa história de “pessoa que venceu por si mesma” — ou seja, “que chegou lá sozinha”. Do ponto de vista humano, pode até parecer que o fulano venceu apenas com a força de vontade e o empenho no trabalho.

Entretanto, quem lhe deu espírito empreendedor e discernimento empresarial que o levou a ser bem-sucedido? Foi Deus.

Aos orgulhosos cristãos de Corinto, Paulo escreveu: “Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te orgulhas, como se não o tivesse recebido?” (1Co 4.7). Então, o que é que você tem que não lhe foi dado? Nada. Você não tem nada que não tenha vindo como presente de Deus.

O intelecto, os talentos, as habilidades, a saúde e as oportunidades de bons resultados vieram de Deus.

Tudo o que temos e que nos capacita a ser bem-sucedidos, recebemos de Deus.

Então, por que nos ensoberbecemos, seja em forma de orgulho público, ou de modo mais sutil quando desejamos ser orgulhosos sem parecer que somos? Nos dois casos, é porque deixamos de reconhecer que o êxito veio de Deus. Claro, houve muito esforço, mas quem nos deu a capacidade e o desejo de progredir?

E quem abençoou nossos esforços? Basicamente, tudo vem de Deus.

Para mim, as pessoas mais chatas deste mundo são as fanfarronas que alardeiam aos quatro ventos que o segredo de seu sucesso nos negócios, ou seja, lá onde for, é o trabalho árduo. Até aguentamos isso vindo de um não crente. Mas de um crente?

É realmente ofensivo.

E nós que somos do tipo mais caladão, ofendemos a Deus quando falamos de nosso progresso, ou do progresso de nossos filhos, sem reconhecer as bênçãos graciosas de Deus.

Conta certo cristão: No fim do ano, eu e minha esposa, como tantos outros casais, recebemos cartas de amigos e conhecidos que temos feito ao longo dos anos. De vez em quando, uma das cartas diz algo assim: “Nosso filho, John, se formou na Universidade [alguma escola muito famosa] como o primeiro aluno da classe”. Veja bem, não há nada errado em comunicar essa boa notícia aos familiares e amigos. Mas, da maneira que foi redigida, a carta transmite esta ideia: “Nosso filho é um gênio, não é?”, sem reconhecer que sua capacidade intelectual veio de Deus.

Se quisermos evitar o pecado sutil do orgulho em relação às conquistas de nossos filhos, a carta poderia dizer algo assim: “Nosso filho, John, se formou na Universidade [uma de bastante prestígio] como o primeiro aluno da classe. Reconhecemos de coração que a capacidade intelectual de John lhe foi dada por Deus, e estamos profundamente agradecidos a ele. Sabemos que Deus não dotou todas as crianças com as habilidades que deu ao John. Sempre procuramos ensinar essa atitude de gratidão ao nosso filho e ensinar-lhe que suas aptidões acadêmicas são responsabilidades que Deus lhe confiou para serem usadas em benefício de outros, e para glorificar a Deus.”

Tenho certeza de que outros pais que recebessem a carta iriam se alegrar com os pais do John por Deus tê-lo abençoado tanto. Contudo, sem esse reconhecimento, muitos pais, com razão ou sem razão, talvez sentissem um pouco de inveja porque seus filhos estão na média ou bem abaixo dela. Para ilustrar o princípio, usei a excelência acadêmica, mas o mesmo seria verdadeiro se John fosse o melhor jogador do time da escola. Ou se o John agora fizesse parte do mundo corporativo e tivesse sido promovido a vice-diretor de uma empresa bem-sucedida.

Quer o êxito seja nosso ou de nossos filhos, e seja lá em que área for, deixar de reconhecer que o sucesso veio, sim, de Deus leva ao orgulho das realizações, algo que não agrada ao Senhor. Esse tipo de orgulho é pecado — pecado sutil, contudo pecado. Outro aspecto do pecado das realizações é o desejo excessivo de reconhecimento. Todos nós gostamos de ser elogiados por um trabalho bem feito ou por muitos anos de serviço fiel à empresa ou à igreja.

Todavia, como agimos quando fazemos um trabalho bem feito e ninguém fala nada? Estamos dispostos a trabalhar na obscuridade e a realizar nossa tarefa como se fosse

ao Senhor, ou ficamos descontentes pela falta de reconhecimento?

Dois princípios encontrados na Bíblia nos ajudarão a evitar o desejo pecaminoso de ser elogiado. Primeiro, vamos nos lembrar das palavras de Jesus em Lucas 17.10: “Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer.”

Quando realizarmos bem uma tarefa ou tivermos servido fielmente por um longo tempo, nossa atitude deve ser esta: “Só cumpri a minha obrigação.”

Segundo, temos de entender que, no fim das contas, todo reconhecimento, independentemente de sua fonte imediata, vem de Deus. É Deus quem exalta um e humilha o outro (v. Sl 75.6,7). Se unirmos esses dois princípios, teremos de dizer: “Tudo vem pela graça.” Não mereço nada, e tudo o que recebo, inclusive o reconhecimento, é graça de Deus. Portanto, se não sou elogiado, não vou ter um ataque de nervos.

Espírito independente

O autor do livro que estamos estudando, antes de começar a escrever, enviou uma lista de pecados “aceitáveis” a quinze pessoas envolvidas no ministério cristão, e pediu-lhes que acrescentassem qualquer pecado que tinha deixado escapar. Duas pessoas que trabalham com jovens e adolescentes sugeriram que se incluísse o pecado do espírito independente. Esse pecado se revela principalmente em duas áreas: resistência à autoridade, especialmente autoridade religiosa, e atitude insubmissa.

Geralmente esses dois comportamentos andam de mãos dadas. Quando somos jovens, achamos que sabemos tudo. Ou, como um amigo disse: “Não sabemos o quanto não sabemos.” Certo cristão quando eu era jovem e solteiro, morou com duas famílias que tinham filhos pequenos. Hoje, bastante envergonhado, se lembra de como criticava, em silêncio, o modo de aqueles pais educavam suas crianças. Que orgulho! Jovem e solteiro, sem absolutamente nenhuma experiência na educação de filhos, e, mesmo assim, achando que sabia mais do que eles.

Certo líder cristão, no ministério do qual faz parte, quase sempre se depara com esse tipo de atitude entre os novatos, os inexperientes. Geralmente esse pessoal é estagiário, e trabalha sob a direção de alguém experiente. No entanto, muitas vezes, dão uma de quem sabe mais a respeito do ministério do que o treinador.

Como resultado, mostram-se insubmissos à autoridade ou indispostos a seguir a orientação dos mais entendidos no assunto.

No entanto, a Bíblia é bem clara quanto à submissão. Poderíamos examinar vários versículos, porém Hebreus 13.17 fala mais claramente sobre a questão:

Obedecei a vossos líderes, sendo-lhes submissos, pois eles estão cuidando de vós, como quem há de prestar contas; para que o façam com alegria e não gemendo, pois isso não vos seria útil.

É provável que o autor de Hebreus tivesse em mente a autoridade espiritual dos líderes de uma igreja local. No entanto, o princípio da submissão e aprendizado aplica-se a qualquer pessoa sob o ensino ou treinamento de um cristão mais experiente.

É o orgulho de um espírito independente que nos torna indóceis ou insubmissos.

Outro cristão conta: Lembro-me bem da noite em que fui exposto pela primeira vez ao ensino de Hebreus 13.17. Eu era oficial novato da Marinha dos Estados Unidos. Eu entendia bem o conceito de submissão à autoridade estrutural a bordo de um navio, e sempre respeitei a autoridade de meus professores durante os anos de escola. Mas a ideia de obedecer a uma autoridade espiritual era nova e radical para mim. Sou agradecido porque Deus me expôs a esse princípio na ocasião propícia em que o fez. Por coincidência, foi na noite imediatamente após eu ter entrado em contato com o ministério do qual faço parte hoje, ministério que enfatiza o discipulado um a um.

Por causa desse novo conceito de submissão a uma autoridade espiritual, eu me tornei receptivo ao ensino e respondi prontamente aos desafios de ser discipulado por outra pessoa.

Resistência à autoridade espiritual e espírito indócil não é coisa só de adolescentes e jovens. Às vezes me deparo com essa atitude quando ensino a Bíblia a pessoas bem mais velhas. Muitas vezes, ouço a seguinte resposta a algo que ensino: “Bom, tenho uma opinião diferente quanto a isso.”

Não há referência à Bíblia; é só a opinião da pessoa. Todavia, na mente do interlocutor, sua opinião é fidedigna. Não há disposição de encarar o ensino bíblico.

No entanto, a Bíblia é firme quando fala sobre o valor de uma atitude dócil.

Provérbios, em particular, tem muito a dizer sobre o assunto. Veja, por exemplo, as seguintes frases de seus primeiros capítulos:

Meu filho, se aceitares minhas palavras e guardares contigo meus mandamentos (2.1).

Meu filho, não te esqueças da minha instrução, e guarda os meus mandamentos no teu coração (3.1).

Filhos, ouvi a instrução do pai e ficai atentos para que alcanceis o entendimento (4.1).

Meu filho, atenta para a minha sabedoria; inclina os ouvidos às minhas palavras de discernimento (5.1).

Meu filho, guarda as minhas palavras e entesoura contigo os meus mandamentos (7.1).

Embora o contexto desses versículos tenha a ver com o relacionamento pai/filho, eles revelam o princípio do espírito moldável: disposição, até mesmo desejo, de aprender com as pessoas mais experientes na fé.

Para equilibrar este estudo, gostaria de dizer que autoridade espiritual não significa que a pessoa tem poder de decidir com quem você se casa (ou não casa) ou onde você deve trabalhar. Significa que deve existir alguém que se interesse por você e opine

sobre esses e outros assuntos semelhantes, dando-lhe conselhos sábios e bíblicos. Significa que as pessoas mais experientes têm como ajudá-lo a crescer e a tornar-se um cristão maduro, capaz de auxiliar outras pessoas.

Voltemos agora ao primeiro objetivo deste estudo, que é nos levar à identificação dos pecados sutis em nossas vidas. Você pode ficar surpreso ao saber que algumas práticas que identifiquei como pecados neste capítulo nunca são, de modo geral, consideradas pecados. Isso acontece porque essas práticas são tão comuns e aceitas entre os cristãos que não pensamos nelas como pecados. Ou, ainda que concordemos que sejam pecados, reparamos nelas em outras pessoas, mas não em nós.

Portanto, incentivo você a orar a respeito do que foi discutido neste capítulo, pedindo que Deus lhe traga à mente qualquer inclinação ao orgulho nessas áreas, e que assim você possa confessar seu pecado. Ao fazer isso, lembre-se da promessa de Isaías 66.2: “Mas darei atenção a este: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra.”